

# CAMINHAR.

## *SOLVITUR AMBULANDO*



**Prof. M.J. Pinto-Coelho, FLabLD**

1. Caminhos. Letterfleck, Irland, 2008/ Crédito: MJPC | 2. Caminhos. Ilha do Pico, Açores, 2008/ Crédito: MJPC | 3. e 4. Waiting for Godot/ Crédito: <http://www.tate.org.uk/art/artists/alberto-giacometti-1159/long-read/when-alberto-giacometti-met-samuel-beckett> | 5. Light - Sound installation, „Magic Places“ at Gasometer Oberhausen 2011, Sculpture of the tree: Wolfgang Volz, Lighting Design: Herbert Cybulska, Frankfurt am Main / Berlin, Photo credits: Herbert Cybulska, Martin Kurz | 6. e 7. San Luis Potosí, Mexico / Créditos: Lightmotif (2009), MJPintoCoelho | 8. e 9. Castelo de Torres Vedras /Créditos: Lightmotif, (2006) João Paulo | 10. HCL/Credits: <http://www.airfal.com/wp-content/uploads/2017/03/hcl-human-centric-lighting.pn>

Caminhar.

Foi, através do caminhar, que o Homem começou a construir o paisagem natural que o rodeia. A acção, de atravessar o espaço, nasce da necessidade natural de movimento com o objectivo final de sobrevivência: encontrar comida, água, sombra, etc. Assim, podemos considerar que o percurso, traçado de movimento, converteu-se na primeira acção estética que foi introduzida no território.

Se pensarmos e observarmos que, em campo aberto, não caminhamos em linha recta - o espaço nómada é marcado por uns traços que aparecem e desaparecem com as idas e vindas - saberemos como a vida na cidade romana, renascentista

ou a de Cerdá é artificial à natureza humana (animal).

***“ The body is the tool for measuring space and time “***

Francesco Caeri

Mesmo num pequeno jardim, temos a tendência de procurar o melhor caminho, num ziguezague quase constante. Esse sentido de escolha remete-nos à sensação de liberdade e emoção! Os sentidos serão os motores da progressão no território.

Talvez por isso mesmo que as estruturas, que construímos sob o território, também têm esse cuidado, esse sentido de adaptação ao meio procurando, assim, não rasgar o chão da terra, e essa será a fora mais gentil de desenhar a nossa presença.

Por associação de ideias, a racha da escultora colombiana, Doris Salcedo na Turbine Hall, Tate Modern (2007), remete-nos também para as nossas escolhas, ainda que estas com um significado político.

[O trabalho desta artista encoraja-nos confrontarmo-nos com a verdade desconfortável acerca de nós próprios.]

Muitos urbanistas defendem a cidade ortogonal como a melhor forma de orientação (pontos cardeais) no tecido urbano mas, pessoalmente, discordo. Prefiro uma orientação espacial feita, não pela linha recta, mas por uma orientação de pontos à distância, de cheiros, sons e movimento, da direcção da brisa embora, como todos sabemos, a presença do tráfego das grandes cidades perturbe os sentidos que nos orientam e nos levam à essência



do lugar.

A rua, com as suas componentes urbana e ambiental, será o elemento, por excelência, para apropriação do espaço na urbe e deve ser desenhada a partir da escala de quem caminha, observa e encontra o seu caminho na cidade.

***“ In a city the street must be supreme. It is the first institution of the city. The street is a room by agreement, a community room, the walls of which belong to the donors, dedicated to the city for common use. Its ceiling is the sky. ”***

L.Kahn

A rua não pode ser um corredor de

acesso de deslocação para ir as lojas, ao metro ou para casa. De forma funcional, viramos à direita no sinal verde da farmácia; o sinal vermelho da esquina indica o a direcção para o café e, de cabeça ausente, percorremos o caminho sem ver e muito menos observar o que nos rodeia. Esquecemo-nos de parar e olhar o céu, ouvir os pássaros e ver o verde das árvores ao longe.

Isto fez-me pensar no percurso a pé promovido pelos **Sentidos Urbanos** em Ouro Preto, experiência realizada no âmbito da EILD2016: efectuar um percurso centro histórico da cidade, com uma venda nos olhos.

Tudo, o Mundo, muda!

Os sentidos apuram-se e o valor das sensações fundem-se no meio

envolvente. Vivemos um tempo e um ritmo diferente e, quando abrimos os olhos, a cidade já não é a mesma. Esta experiência também nos confirma que, o que vemos, não se reduz a uma colecção de fotos instantâneas mas sim, a processos que decorrem do tempo, de narrativas mentais que construímos e que possibilitam, então, o mapeamento de cada percurso.

***“ O processo de ver é, assim, muito mais complexo de que a simples projecção de padrões luminosos na retina. A visão começa na retina e continua, ao longo de várias fases de transmissão e de processamento de sinais,***

**até aos córtices cerebrais dedicados à visão. Todavia, para que seja possível ver, primeiro temos que olhar. ”**

António Damásio,  
A estranha ordem das coisas 2017,

Por outro lado, os espaços verdes, são os pequenos oásis da cidade. Num pequeno jardim cabem todos os nossos sentidos, toda a necessidade e experiência sensorial, esse micro espaço de gentis formas, cores e odores. Esse espaço de sabedoria, introspecção e valor que abraçamos e ansiamos com a exigência natural de um sentimento de liberdade e de descoberta individual, e interação colectiva.



Não há espaço verde sem a presença enigmática das árvores de grande porte, grandes ramos que produzem as suas gentis e intermitentes sombras num mistério de vida que se esconde nos anéis do seu tronco. A perpétua evolução, sempre em ascensão vertical, subindo em direcção ao céu. Talvez, por isso, o elemento **árvore** e a sua representação está presente em diferentes mitologias. Símbolo da vida, do conhecimento, da sabedoria. Diz-se que quem comesse dos frutos dessa árvore - que cresceu no Paraíso - adquiriria a imortalidade, a Luz.

Este pensamento também me remete à recente exposição na Fundação Mapfre em Madrid (Fev. 2018) - *Derain, Balthus, Giacometti. Una amistad entre artistas* - e a uma

fotografia de Alberto Giacometti com Samuel Beckett construindo uma árvore de gesso.

Esta árvore, solitária e delgada, desenhada pelo próprio A. Giacometti (1961), é considerada



como um icónico teatral decorativo do séc. XX; uma árvore que representa o paradigma da condição humana, que oscila ente o tangível e o real e o que continua invisível e desconhecido e que, olhando-a no horizonte, funciona como um espelho devolvendo-nos, portanto, o nosso o olhar e tudo o que isso implica...

Esta visão partilhada levou-os a iluminar a árvore que ambos desejavam ver e que muitos de nós procuramos para nos apoiarmos enquanto tentamos compreender o Mundo.

Quero, assim, eleger a **ÁRVORE** (*arbore*) elemento natural constituído por sistemas bioquímicos sensíveis à luz e que a fazem evitar uma visão inútil de espaço já ocupado por outra árvore.

A sua evolução não é individual. Apoiam-se em plantas, insectos, aves, micro-organismos.

”

***I want to change the way you think about forests. You see, underground there is this other world, a world of infinite biological pathways that connect trees and allow them to communicate and allow the forest to behave***

***as though it's a single organism. It might remind you of a sort of intelligence.***

”

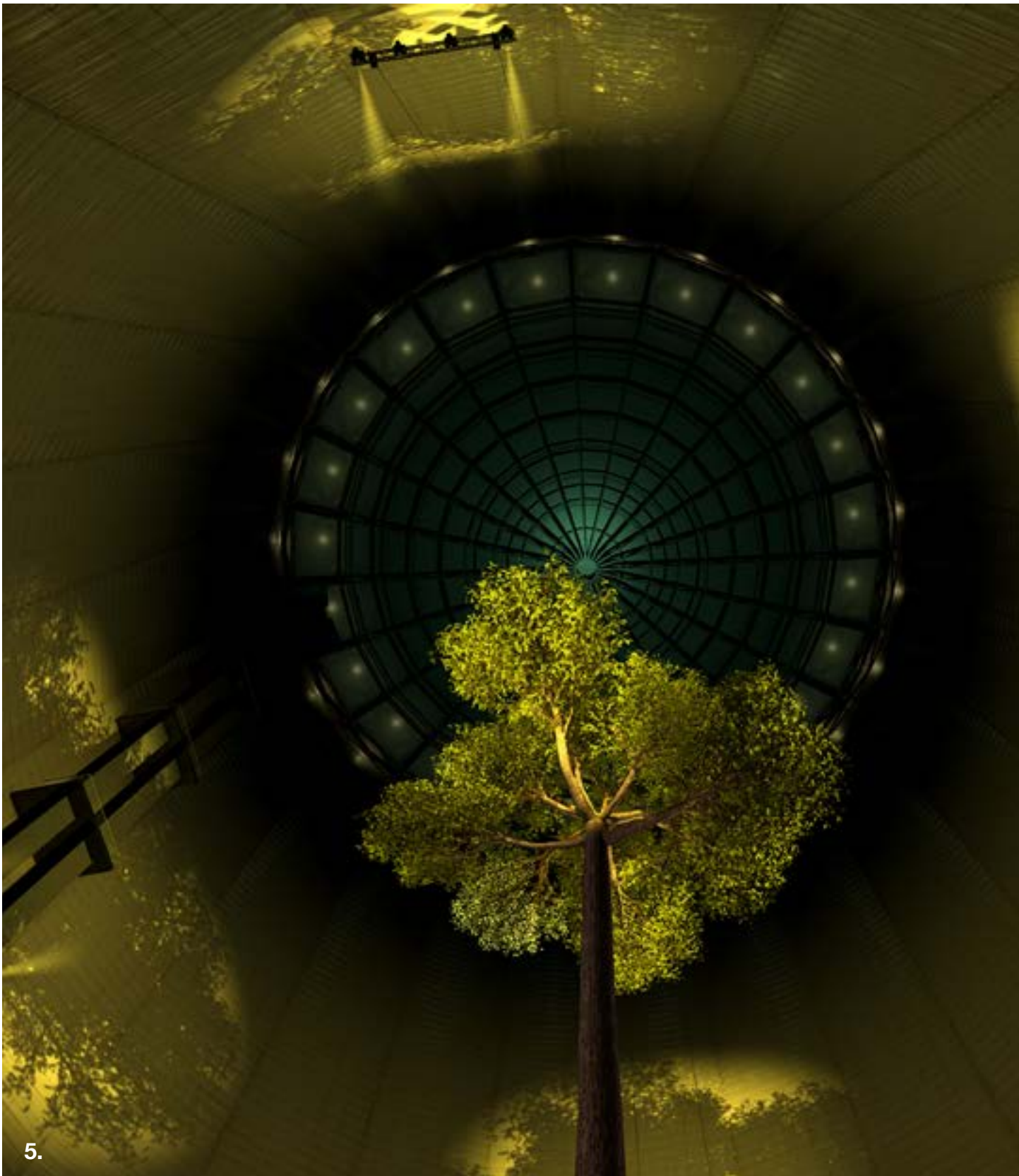
Suzanne Simard, who has spent 30 years studying forests.

In June 2016, she gave a TedTalk

Fiquei especialmente impressionada com a instalação *Magic Places* realizada no Gasómetro em Oberhausen. Efectivamente, a estrutura montada regista uma expressão da magnificência do elemento árvore. (Em claro contraste com a singela árvore da peça *À espera de Godot* de Samuel Beckett, 1953).

A escala impressiona (43m de altura, 6 braços com 746.000 folhas) cumprindo, contudo, com a sua função: pensar







que somos pequenos animais que habitam da Terra.

Esta é uma alusão à nossa presença na Terra e como dela dependemos para o nosso equilíbrio e estímulo sensorial.

São estes espaços, de estímulo sensorial, que faltam na cidade de hoje !!

O conceito de **iluminação urbana e ambiental** tem dificuldade em se afirmar como forma de ver e viver a cidade no espaço noturno, porque para isso, o conceito de usufruto da cidade também tem que ser observado! Não é a iluminação uniforme de cidade, da sua estrutura de avenidas, ruas e fugazes espaços verdes em se privilegia o automóvel que nos interessa promover mas, uma abordagem onde se dá valor ao espaço como um todo e, em particular, às suas componentes ambientais e sensoriais de permanência (espaços verdes, elemento água, envolvimento), que se deseja afirmar.

”

***Urban lighting isn't just about meeting safety needs through code compliance, or achieving an aesthetic effect. It presents a significant opportunity to fundamentally improve the quality of life of urban citizens. Properly considered, lighting can positively impact the 'total architecture' of our cities; reinforcing urban design principles, enhancing cultural experiences***

***and encouraging social interaction.***

”

Florence Lam In Cities Alive.  
Rethinking the shades of night, 2015

Os primeiros caminhos no mundo cristão levavam a Roma e a Jerusalém. Foi, contudo, com Compostela que, tão importante como o ponto de destino, a experiência do percurso passa a ser preponderante: os vários possíveis caminhos e definidas fases; as visitas a cumprir e suas variações se podem se tomar.

E esta poderá ser a primeira experiência sensorial na arte dos percursos.

Foi na cidade de San Luis Potosí, no México que marcámos visualmente o primeiro percurso na paisagem nocturna de uma cidade: o percurso da procissão (*Ruta de la Procepción del Silencio*. 2010).

Toda a intervenção é, assim, pensada para se enquadrar no espaço público oferecendo a possibilidade de o percurso ser efectuado por qualquer visitante, em qualquer momento do dia ou da noite, cumprindo assim, a sua intenção de promover este ‘acontecimento’ religioso-tradicional e turístico, de maior importância para a cidade de San Luis Potosí/México. Embora tenha resultado numa instalação conceptualmente ‘amovível’ (sem infraestrutura de alimentação, utiliza luz solar), não poderá ser considerada, assim, como uma instalação temporária mas, como uma intervenção urbana.

Criar um elemento urbano que oriente o observador durante todo o percurso, *Ruta de la Procepción del Silencio* (lightmotif., 2010), de dia e de noite, integrando-se de forma





clara e sem interferir com o conjunto urbano existente era o objectivo.

Esse novo 'objecto urbano' deveria, assim, marcar uma presença inequívoca mas equilibrada no conjunto urbano, não se constituindo como obstáculo visual mas sim, como elemento dinamizador do percurso.

A utilização de uma cor, ou temperatura de cor, que se possa claramente identificar o ritual da procissão mereceu, desde logo, a atenção reforçando, assim, a presença deste percurso no conjunto dos percursos a marcar no mapa mental de todos os visitantes. Com este projecto quisémos que essa marcação visual fosse também visível de dia, sugerindo e provocando a curiosidade do visitante no plano nocturno.

Assim, partindo da realidade urbana, toda a proposta é construída com uma forte relação espacial tornando os alinhamentos arquitectónicos (verticias e horizontais) uma constante necessária para a localização deste elemento urbano.

O conjunto de requisitos para construir a solução cumpriria os seguintes princípios fundamentais:

- . **introduzir** um ponto de luz como elemento de orientação em todo o percurso quando efectuado de noite.

- . **permitir** ser observado à distância.

- . **visualizar** num ângulo de 360 graus.

- . **obrigar** o observador a elevar o olhar como que num princípio de 'elevação' que o momento da Proceção del Silencio sempre sugere.

- . **efectuar** a leitura a duas velocidades (peões e veículos).

- . **determinar** o ponto de



partida e o ponto de destino visualmente conclusivos.

- . **criar** um novo objecto urbano quando observado de dia e que atribui valor ao espaço público.

Inspirados nos elementos e nas cores das vestes, que as confrarias se apresentam na processión, a cor violeta, como ponto de luz colocado no mastro *hi-light*, desenhado e dimensionado especialmente para o efeito, cumpre, assim, com as exigências conceptuais do projecto de design de iluminação enunciado. O âmbar, por outro lado, inicia a luz de vela, mais quente como que um sírio.

Por outro lado, a inserção deste equipamento no espaço urbano foi encontrada tendo todos os aspectos necessários de alinhamento

arquitectónico, enunciados.

Partindo de uma marcação de colocação à direita do percurso, este objecto orienta e dirige o observador, e o peregrino, durante todo o percurso, de dia e de noite. uma experiência onde o ponto de origem e de destino é o mesmo: o *Templo de la Carmen*. É o caminho que se efectua, pontuado por paragens em igrejas e capelas que faz deste percurso uma sucessão de momentos de inspiração e reflexão.

Os primeiros caminhos no mundo cristão levavam a Roma e a Jerusalém. Foi, contudo, com Compostela que, tão importante como o ponto de destino, a experiência do percurso passa a ser preponderante: os vários possíveis caminhos e definidas fases; as



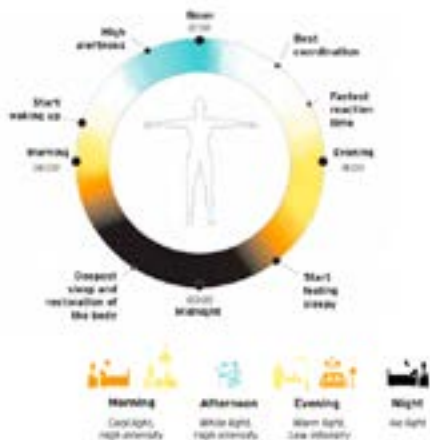
9.

*A country road. A tree. Evening.*

visitas a cumprir e suas variações se podem se tomar. E esta poderá ser a primeira experiência sensorial na arte dos percursos.

É a experiência estética da cidade, que realizamos a pé, permitindo-nos uma narração visual construída. A cada momento as formas organizam-se em sequências dotadas de ritmos diversos. Os nossos sentidos, mais ou menos, despertados ajudam-nos a percorrer e a criar essa experiência em constante e instantânea mudança.

O movimento faz parte do processo cultural: as mãos, a voz, o corpo movimentam-se num constante esforço de comunicação e interação com o nosso meio.



Contudo, um percurso na cidade não pode, de todo, assemelhar-se as sensações de um percurso num espaço verde onde a visão, sentido predominante, tem a grande oportunidade de se aliar aos outros sentidos. As células do cérebro humano captam os estímulos ambientais e têm afinidade com o

mundo natural que reconhecem de imediato (Lei natural dos fractais). Os nossos sistemas nervosos são construídos para se identificarem com pontos de referência derivados do mundo natural porque foi como evoluímos como espécie.

O olfato tem via directa ao cérebro. Nada atinge a parte emocional do cérebro com mais intensidade que o odor, os cheiros. Ninguém fica indiferente, e mais feliz, ao cheiro da Primavera, do iodo da mar ou da terra molhada desenvolvendo uma rápida resposta emocional ao nível do subconsciente. Por outro lado, as cores permitem detectar e distinguir o nosso meio.

É essa variação, a da temperatura de cor do Sol durante o dia e da Lua durante a noite que se baseia a ideia **Human Centric Lighting (HCL)** com o de melhorar a motivação, o bem estar e a produtividade.

[A luminária teria a capacidade de regular o fluxo luminoso e ajustar a temperatura de cor durante o dia melhorando as condições ambientais de acordo com o nosso relógio interno.]

Contudo, Florence Williams, permanecer ao ar livre 5 horas por mês permite um aumento de vitalidade, motivação, emoções positivas mais fortes e um aumento da criatividade.

Neste **caminho**, os espaços verdes convidam-nos à reflexão, à fuga mas, também, à meditação e à sabedoria. Não é de esquecer que a filosofia nasceu à sombra de grandes plátanos e nas margens de cursos de água. Talvez, porque a natureza se converte num aliado da luz, da cor e do movimento.

**Caminhar** é um acto único, individual. Poetas, Pintores, Filósofos e Arquitectos fizeram da arte e experiência de caminhar - a v i a g e m - a sua reflexão e o seu entendimento do mundo e, portanto, de nós próprios.